



## INFORMAÇÕES (I) RELEVANTES

---

PREPARAÇÃO  
França e Gorj

EDIÇÃO  
1ª Edição, 2017

CAPA E PROJETO GRÁFICO  
Murilo Guerra

REVISÃO  
Ana Cláudia Salomão

FOTO DO AUTOR  
Helton Perez / Vaca Azul

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

M488i MEDEIROS, Samuel. 1944  
Informações (i) relevantes  
Samuel Medeiros  
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017

132 P. : 21 cm  
ISBN 978-85-5833-286-6

1. Crônicas I. Título

CDD.: B869.8

---

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO  
1. Literatura Brasileira



editora  
penalux  
.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
A reprodução de qualquer  
parte desta obra só é  
permitida mediante  
autorização expressa do  
autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX  
Rua Marechal Floriano, 39,  
Guaratinguetá, SP, 12500-260



INFORMAÇÕES

(I) RELEVANTES

EDITORA PENALUX  
GUARATINGUETÁ, 2017

## *A Caderneta*

ESTAVA NO AEROPORTO EM SÃO PAULO com Nill, na sala de embarque, e este encontrou uma caderneta numa das cadeiras em que nos sentamos para aguardar a chamada do voo. Indiferente ao seu conteúdo, ele a passou para mim. Achei-a curiosa: capa dura, azul, com uma caneta ao lado que, embora esferográfica, não era das comuns. Havia sido esquecida numa das desconfortáveis cadeiras de espera, aquelas em que o sujeito se senta compulsoriamente, ansiando por relaxar, espichar-se e dormir um pouco, mas o espaço limitado, formal, não deixa ninguém descansar. Essas cadeiras são feitas de propósito para não dormir, mesmo que a pessoa tenha de esperar intermináveis horas sua conexão ou mesmo pelos vôos atrasados. Creio que quem esqueceu aquela caderneta esteve um pouco irritado com tal desconforto e saiu esbaforido ao anunciarem a partida de seu avião. Ao abri-la, ela se enigmatizou para mim, como se tivesse vida própria e continuasse a guardar os segredos de seu dono. De um azul escuro, completamente sombria, apresentava-se sem referência nenhuma do proprietário.

Sempre considerei caderneta como diminutivo de caderno com pretensões de livro. Isso, dependendo

de seu dono, quando bem usado ganha aparência de importante, define sua vida e compromete-o com tudo ali apontado; anotações bem amarradas, como se aqueles compromissos jamais pudessem ser quebrados, sob pena de em não ticando ou não os riscando em toda uma página, o seu mundo ficar incompleto, faltar algo em sua vida: não poderia prosseguir-la sem cumprir aquelas tarefas. Muitos anotam compromissos de forma clara e objetiva, indicando com quem deveria falar, aonde ir, a quem telefonar, onde passar, quanto se deve pagar e por aí afora. Não era esse o propósito do anotante da caderneta encontrada.

Não havia sentido nas inúmeras anotações com letra firme e pequena, algumas em francês, inglês e italiano; só o primeiro nome de algumas poucas pessoas, alguns números de telefone sem indicação de quem se tratava; um desfile de informações inúteis a qualquer outra pessoa que não ao dono. A maioria das anotações constava apenas de uma palavra, cada qual uniformemente em uma linha. Outras se compunham de mais palavras, mas pouco informativas a estranhos. Com tais dados, fiquei imaginando o sujeito: alto, magro, um nariz um tanto arrebitado, cabelos levemente grisalhos, idade de uns tantos “enta”, usando roupa formal, um blazer caindo-lhe certinho e uma pasta na mão, de onde tirava

a caderneta. Um empresário internacional? Um famoso regente de orquestra? Um mafioso que escrevia em códigos? Na certa que não usava computador, os comuns *tablets*, preferia a velha mania de anotar à mão. Um dos meus, pensei candidamente; também prefiro anotar os compromissos à mão quando tenho uma agenda, só que às vezes esqueço-me de abri-la e o compromisso é esquecido; se importante, só lamentar-me mais tarde. Não uso agenda, muito menos caderneta. Ganhei uma que me foi trazida por uma amiga diretamente no Museu Kafka em Praga. Quando irei rabiscar aquelas imaculadas folhas?

Na caderneta achada não pude achar nada. Mesmo com o trocadilho pobre, esta é uma verdade. Nenhum nome conhecido. Talvez, Hotel Caesar Park e alguns nomes de mulheres (daí, concluir-se que se tratava de um proprietário homem) e o nome de um filme: *Il Gattopardo*, o antigo e belo filme de Visconti com um famoso trio da década de 60, Burt Lancaster Alain Delon e Cláudia Cardinali. Mas não informava se iria ver o filme, em qual data e com quem. Só o nome. Um sujeito objetivo que usava apenas a mnemônica. Cheio de compromissos, rabiscava com sua letrinha miúda anotações confusas. Creio que se entendia com elas. A última anotação continha uma data escrita em francês: *mardi, 16, sept. 2014*. Sabe-se lá o que aconteceu nessa

terça-feira? Seria uma caderneta antiga ou a data estaria ali apenas para que ele se lembrasse de alguma coisa?

Permanecemos no mesmo lugar por um dilatado tempo aguardando que o proprietário da caderneta aparecesse. Eram tantos os guichês de empresas aéreas que arrisquei em dois ou três mais próximos ao local onde estávamos, indagando se alguém havia perdido um objeto tão precioso. Nada. Nosso horário chegou e decidimos levar a caderneta conosco, senão outros o fariam. Não me servirá de nada. Mais um objeto inútil, mas simbólico. O símbolo do esquecimento, a prova das coisas que não se veem, o enigmático dono e seu mistério.

Os enigmas de uma vida vêm e vão; em viagem são milhares de pessoas que cruzam nosso caminho, um macrouniverso andante de compromissos, desejos, modos de vida e diferentes costumes. Não paramos para pensar quem são os outros; os outros não param para pensar quem somos. Um mundo de individualistas que convivem harmonicamente e que, se se perdem só, perdem-se dentro de si próprios, não compartilham nada com quem não lhes interesse.

A não ser neste trivial achado. A caderneta me trouxe uma individualidade tão anônima como a visão que tive dos milhares de pessoas das cidades grandes por onde passei nesta viagem. Nunca encontrarei o dono do

objeto. Ele nunca me encontrará. Fica apenas o enigma e o mistério, um doce mistério que não deseja ser desvendado.



# *Burocracia Informatizada*

BUROCRACIA É UMA PALAVRA assustadora aos inconformados com a lerteza do tempo, temerosos com a possibilidade de procrastinação de seus preciosos momentos. Espanta quem já foi dominado por seus enleios que, aos poucos, submete o sujeito à demora e à quantidade de transações com que deve lidar. A burocracia é originalmente, sinônimo de papel. Tudo nos faz concordar desde priscas eras sobre a supremacia deste e dos carimbos sobre nossos documentos para provarmos tudo que dissemos, tudo que queríamos receber e tudo que pudéssemos pagar. Porém, com o advento da engenhosa manipulação computadorizada, pensou-se em suprimir algumas daquelas tediosas etapas de cópias e fotocópias autenticadas e com firmas reconhecidas necessárias para agilizar nossas negociações e nos amenizar as esperas. Que nada, vejam o que se passou comigo:

Sequer prevenido aventura desagradável, fui à loja trocar um chuveiro que comprei com a voltagem errada. Levei a nota, claro. Não bastou. Mandaram-me ao

**AUTOR**

[samuexm@terra.com.br](mailto:samuexm@terra.com.br)  
[facebook.com/samuel.medeiros.50](https://www.facebook.com/samuel.medeiros.50)

**EDITORA**

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)